



Publicação semanal literaria e ilustrada

Propriedade e direcção de **JORGE GONÇALVES**

Redacção e administração — Rua do Arco
a Jesus, n.º 81 - 1.º
Composição e impressão — Sociedade Nacional
de Tipografia, Rua do Seculo, 43

NÃO SE RESTITUEM
OS ORIGINAES

Assinaturas: Series de 10 numeros 20 centavos (200 réis) pagamento adiantado
Avulso 2 centavos (20 réis)
ADMINISTRADOR-EDITOR — AMADEU DE MACEDO



CONFISSÃO...

(IMPROVISO INÉDITO)

MOTE

*Se vivo, é só para amar-te
e Deus sabe se te mintu.
quando tu partes eu sinto
que o coração se me parte.*

Conde de Monsaraz.

GLOSAS

Marila d'olhos tão belos
não estrangules a minh'alma
onde um puro amor se acalma
nos sonhos, os mais singelos.
Só me prendem teus anhelos
cheios de carinho e arte,
oh! quem me dera entregar-te
um pouco da minha vida,
pois crê, fada estremeçada
se vivo é só para amar-te.

Como o teu olhar de virgem
traduz tudo o que tu sentes
quando os meus olhos ardentes
esse fino busto gengim.
Este amor é uma vertigem
é mais que amor, é instinto...
Meu peito vive retinto
n'esses olhos de luz plenos,
amo-te como a uma Venus
e Deus sabe se te mintu.

No fogo que me devora
nem penso na minha mãe
a quem tanto amei também
como uma só vez se adora.
E's bela como Dinorah
como a virgem de Corinthus
perco-me n'um labirinto
antes de te confessar:
o coração a estalar
quando tu partes eu sinto.

Oh! flor n'um jardim de flores,
sou Fausto, és Margarida,
sou Dante, és Beatriz querida,
és amor dos meus amores.
Dás-me as lagrimas, as dores,
dás-me tudo que te farte
tudo que possa lembrar-te
tristezas, coisas nefastas,
pois sinto quando 'afastas
que o coração se me parte.

Luiz d' Ataíde.

Luiz de Ataíde

Já lá vão tres anos... Parece que foi E, como que n'uma nuvem luminosa, eu hoje vejo aquélas noites de boémia marchetadas de risos de mulher, bordadas pelas pedralhas rutilas do seu preclaro espirito, onfalino tinteiro da minha alma dolorida, eu de tudo era alegria, luz, bullicio, mocidade! lanço um olhar rapido para as dezenas de De repente, tudo mudou. Cruel mutamolduras que guardam os retratos dos meus queridos artistas, dos meus queridos amigos, sus-pensas e dispersas pelas paredes da minha pobre casa, e esse olhar avido pois a docemente sobre a estreita e modesta baguette castanho-e-oiro que guarda religiosamente a sua fotografia! Lá está ele a sorrir, por detraz do vidro...

A olhar-me, docemente, meigamente, com aqueles seus olhos limpidos, onde parece não haver a sombra de um desgosto! Pobre Luiz! Pobre tisco!... Mais abaixo, traçada pelo seu punho então firme, a entusiastica, tocante e afetiva dedicatória em que estigmatizou «os castos portentos da efeminada escoria literaria», que disseram mal do Fado! Pobre amigo!

Sinto dentro d'alma, ao fitar-lhe o rosto simpatico, o gelido frio da Morte que o roubou á minha amizade, ao carinho dos seus amigos, á camaradagem dos seus companheiros de trabalho, aos beijos cariciosos da mulher que amava! Recordo os seus inspirados versos, as rendas da sua prosa cintilante, o vigor dos seus artigos de combate, a doçura da sua voz a elevar-se, n'um dueto, com as melodias queixosas e meigas de uma guitarra a tocar... Passam na minha alma como n'um écran colorido e vivaz, a figura singela do Manuel Serrano, o perfil amarfanhado do Carlos Harrington,—dois mortos queridos— a silhueta esbelta e loira do Jorge Gonçalves, felizmente ainda vivo para juntar ás minhas as suas lagrimas saudosas!



Avellino de Sousa.

Esso luto de hoje é o luto cruciante a saudade, o crepe negro que envolve, n' seu diafano tecido, o mais pungente, o mais dolorido, o mais triste dos anniversarios. Ha tres anos que desapareceu da superficie da terra aquele que foi o mais sincero e real de todos os amigos, o mais fraterno e olvidario de todos os camaradas: Luiz de Ataíde.

Caracter e eleição, espirito culto, coração bondoso, ele foi o poeta de estilo simples, o jornalista vigoroso e estrieno, o companheiro dileto das boémias da mocidade, esmaltadas pela alegria ruidosa do seu riso franco e pelos queixutes dolentes da cariciosa guitarra! Tres ans passaram já, no cosmorama celeri e continuo do tempo, e, todavia, o nosso coração sangra, a nossa alma sofre, e aos nossos lhos assoma o mais sentido pranto pela ua morte, como se fósse hontem, como se fósse hoje, como se fósse ha um minutu apenas! E' que não podemos esquecer-o, de ul modo nos habituámos a amal-o e a querer-lhe muito do fundo d'alma!

Dizem que a saudade é o melhor de todos os refrigios, o mais reconfortante de todos os balsamos para as feridas do coração...

Assim será. Sem embargo, nós sentimos hoje, como hontem, hontem como ha um ano, como ha dois anos, como sempre! Nunca mais se preencherá esta lacuna que o seu prematuro passamento abriu no nosso peito para todo o sempre.

Vêmol-o através a orla cinzenta do misterio do Além; vêmol-o através a penumbra doivada de um passado descuidoso; vêmol-o através o limpido cristal da nossa imperceptivel saudade! E, chorando-o, nós sentimos que o luto de hoje é o crepe negro que envolve, no seu diafano tecido, o mais pungente, o mais dolorido, o mais triste dos anniversarios:—o da morte de Luiz de Ataíde!

A REDACÇÃO.



CANTARES Em defeza do Fado

Cantigas das mães

Dorme, dorme, pequenino,
O teu sono sem cuidados
A vida é magua que passa
E, nos consome aos bocados.

Não chores, creança linda,
Não vale a pena chorar.
As penas que o mundo tem
Passam-se a rir e a cantar.

Que sonhos serão os teus
No teu dormir encantado?...
Se forem melhor's que os meus
Dorme... dorme, descançado.

Mas se os teus sonhos, creança,
Forem um longo penar,
Então dorme... dorme... dorme...
E não torneas a acordar.

Jito Marques.

Florinhas do campo

A minhas notas: Ofélia, Fernanda e Ceclia.

Vivas florinhas do campo
nas sêcas planicies vastas:
E' o rócio que as alenta
tornando-as lindas e castas!

Mais além, na marginal
do ribeiro, a deslizar...
Tambem nascem lindas rosas
porque o sol as faz brotar.

No declive de altas serras
as flôres brilham mimosas,
porque a brisa, o sol, o orvalho,
beijam-lhe as cômas formosas!

Nas selvas, matas e bosques
tambem fazem criação,
porque o sol é Rei que pôde
dar-lhes força, cor e ação.

Domingos Navarro (Sá Pato).

DESPEDIDA

(Para o Artur Arriegas)

MOTE

«Mãesinha não chore mais
P'lo meu desparcamento:
Sei que morro para o mundo
Mas vivo em seu pensamento.»

GLOSAS

Que tristeza vae no lar!
Que suspiros! Tantos ais!
«Desvaneça o teu pezar,
«Mãesinha não chore mais.

«E' tão grande o seu sentir!
«E' bem triste o seu lamento.
«Não pode, não, resistir
«P'lo meu desparcamento.

«Vou deixar da Mãe querida
«O seu amor tão profundo!
«Adeus Mãe, oh! adeus Vida!
«Sei que morro para o mundo.

«Rogue Mãe, por mim, aos céus
«P'ra alívio do seu tormento,
«Não terei mais beijos seus,
«Mas vivo em seu pensamento!»

Finoru.

Publicam-se todos os originaes
que nos sejam enviados da provincia
desde que sejam escritos em harmonia
com a índole do nosso jornal e
que noticiem festas populares ou particu-
lares onde se salientem as canções
portuguezas.

Serenata Alemtejana

Dedicada à Canção de Portugal por CUSTODIO CORREIA.

The image shows a musical score for a piece titled 'Serenata Alemtejana'. It features a vocal line with lyrics and a piano accompaniment. The score is written in a standard musical notation with a treble clef and a key signature of one flat. The lyrics are in Portuguese. The piece is dedicated to the 'Canção de Portugal' by Custodio Correia.

A nossa cobrança na provincia

Tendo-nos sido devolvidos alguns recibos enviados á cobrança pelo correio pela falta de pagamento, resolvemos cortar dos nossos registos de assinaturas os nomes dos seus destinatarios porque não nos apraz ter assinantes... de borla.

Terminada que seja a cobrança publicaremos os nomes de todos os que se recusaram a pagar, e a localidade da sua residencia, julgando que assim prestaremos um bom serviço á imprensa de todo o paiz.

Reclamações

Temos ultimamente recebido muitas reclamações dos nossos assinantes de Lisboa e provincia queixando-se da falta de jornaes que enviamos, com a maior regularidade, todos os sabados para o correio.

Declarando não nos caber a responsabilidade d'esse facto, pedimos a todos os senhores assinantes a quem o nosso jornal falte a fineza de nol-o participarem em bilhete postal, a fim de formularmos a reclamação que estamos resolvidos a fazer á direcção dos correios.

O meu instinto de observador experiente das coisas da vida segreda-me que o sr. Lopes deve ser ainda muito joven e os seus verdes anos perfumados talvez pela viçosa frescura de uma Adolescencia aveludada e fôfa e, quiçá, pouco distante, são regados por um sangue moço, sem duvida forte, sem duvida rubro, mas ao qual falta a necessaria tempera da experiencia, que só o trillio de longos anos na tortuosa senda da Vida, tão cheia de anfractuosidades e escolhos, nos pode dar. Se o sr. Alberto Lopes tivesse os meus 36 anos, repletos de torturas, repassados de crudelissimas vicissitudes, saturados de percorrem, quasi sem transição, toda a gama da Alegria, toda a escala da Tortura,—após a época doirada e descuidosa da quietude infantil—indubitavelmente o sr. Lopes sentiria o Fado e penetrar-o-hia até ao âmago, cuja forte raiz se encontra no coração do Povo, de que eu sou filho, e do qual ninguém, absolutamente ninguém, por mais sabio ou mais forte—conseguirá arrancar-o! O Fado, em si, é tudo e vale tudo! Mesmo na escassez comovente e simples das simples notas do fado corrido. E' sobre elas que os nossos mais distintos maestros bordam a sua inspiração, construindo formosissimos fados-canções. O Fado é tudo e vale tudo! Foi para ele que eu comecei a escrever versos simples, imetricos, desprezenciosos, até á hora em que, por seu intermedio, me tornei o poeta humilde que hoje sou e o mais modesto de todos os autores dramaticos da nossa terra. E' por isso que, visto que ao Fado devo tudo, eu me julgo mais do que qualquer outro—e perdõese-me a imodestia—na obrigação de o defender com todas as forças da minha alma de meridional sentimentalista, em cujo peito vive a propria incarnação do Fado. O Fado é tudo e vale tudo, porque é o mais singelo e o mais esclarecido educador do Povo!

E, se em face d'esta asserção, aos labios do sr. Lopes aflorou agora um sorriso de duvida, eu buscarei na minha pobre bagagem a prova documental do que afirmo. Eis uma prova sobre uma das mais vergonhosas paginas da Historia de Portugal:

MOTE

«Negra pagina da Historia,
«vergonha d'um reino inteiro
«que manchou a dignidade
«d'el-rei Fernando Primeiro!»

GLOSAS

O marido abandonou a tôrpe rameira reles, a adúltera Leonor Teles que no trono se sentou. A ambição que dominou forneceu-lhe essa vitoria, e de maneira irrisoria enganou o rei amado... Tornando assim tal reinado negra pagina da Historia.

Exilado D. Diniz, quiz-se a rainha vingar tentando fazer matar D. João, Mestre d'Aviz. E, D. Fernando, o infeliz, apaixonado e fagueiro encontrou no Conde Andeiro um rival deletério causa do novo adultério, vergonha d'um reino inteiro!

«Mas se ele ha tanta mulher, porque louca fantasia ama só, a simpatia, nos destina, escolhe e quer?! Mas esse amor rósicler obcecava-lhe a vontade... Do rei, a fragilidade roubou-lhe animo e afoiteza, sendo essa sua fraqueza que manchou a dignidade!

Morto o rei, D. Leonor, que viu n'essa morte um bem, já julga o Conde d'Ourem um novo rei e senhor! Mas, D. João, vingador, mita o fidalgo embusteiro e, feito rei, o guerreiro livra a nação da sereia... —E acaba a triste odisseia d'el-rei Fernando Primeiro!

Será o sr. Alberto Lopes capaz de negar que esta trova, singela e simples, não serve a educar o povo rude e analfabeto que porventura a escute?! Negal-o, seria negar a existencia da propria Logica! Co-

mo esta, outras muitas trovas se fazem e se cantam, educando o Povo para a compreensão dos grandes ideaes, e difundindo a luz dos mais nobres conceitos e da mais sã filosofia. E' assim que, ao Fado, se condenam as mentiras da Religião, os desmandos dos governantes, os crimes legados do militarismo, os embustes grosseiros dos politicos. O Fado não cristallizou na sua maneira primitiva—como o sr. Lopes e a maioria, felizmente minima, dos seus censores supõem—antes evoluiu, progredindo, e estudando a psicologia do Povo. O Fado já não canta nem exalta toureiros! Pelo contrario, condena-os, como aliás condena tudo que é barbaro e dissolvente. Eis outro documento de simples textura, que é a forma mais acessivel de ferir o ouvido do Povo rude que sabe amar e sentir:

MOTE

«Não dou valor ao toureiro
«que vae os touros picar;
«condeno o passarinho
«porque é barbaro a caçar!»

GLOSAS

Detesto a tauromaquia como um torpe barbarismo, a que chamam heroismo arte nobre e valentia! Eu acho uma cobardia e espetac'lo traçoero em que um boçal carneiro vae f'rir um irracional! Por ser 'stúpido e brutal não dou valor ao toureiro.

Não posso compreender que gente civilizada assista a uma tourada sem remorsos conceber! O que ali se vê fazer, só pôde brutificar, porque, enfim, o tourear não encerra nada futil; o toureiro é um futil que vae os touros picar!

Na construcção dos seus ninhos, nos arvoredos copados, quanta ternura e cuidados empregam os passarinhos! Agasalhando os filhinhos, soltam gorgeio fagueiro, n'um saltitar bem ligeiro tiram alegres, suaves!... Anta-a innocencia dos seus condeno o passarinho.

Passarinho descuidado que o carrasco não presente, logo corre, quando sente ao longe um piar alado!... E' d'um outro que, apanhado, ele acaba de cegar p'ra o obrigar a cantar e atrair o companheiro! —E' vil o passarinho porque é barbaro a caçar.

Não será isto educar a alma popular e incutir-lhe sentimentos altruistas e humanitarios?!

E a par d'esta, outras muitas trovas se cantam nos concilios poeticos populares, acompanhando as descobertas da ciencia, desde os trabalhos astronomicos de Flammarion, aos segredos da Electricidade penetrados por Edison,—porque ao Fado tudo se canta e tudo se diz! E, de tal modo é grande, vasto, incomensuravel o valor do Fado, que teve o poder de se nacionalisar. Sim, meu caro sr. Alberto Lopes: o Fado não é uma canção de Lisboa, como o foi no seu inicio; não é uma canção regional, mas sim a canção nacional por excelencia, que se canta do sul ao norte do paiz. E a comproval-o, basta os trabalhos em prosa e verso, e musicas, sobre o Fado, que este semanario publica em todos os seus numeros vindos de todos os cantos de Portugal e até das nossas formosas ilhas da Madeira e Açores, a maioria dos quaes assinados por senhoras, umas donzelas, outras casadas e mães, mas todas respeitabilissimas. Eis alguns nomes das nossas illustres colaboradoras que amam e sentem o Fado, seguidos das terras de onde nos enviam a sua colaboração: D. Mariana Duarte de Almeida, Toujours Triste, de Silves; D. Celeste Scheidecker, de Montemor-o-Novo; D. Maria Emilia da Rocha, do Porto; D. Maria Esteves Vilela, de Lisboa; a ilustre atriz D. Maria Matos; D. Lucinda Espada, de Lisboa; D. Olimpia Gomes da Silva, Malvia Doria, dos Açores; D. Catarina de Jesus S. Biscaina, de Niza; D. Maria José Garcia, de Lisboa; D. Maria Emilia da Rocha Pereira, do Porto.

E isto para só citarmos senhoras, porquanto temos muitas e colaboradores em todos os recantos da nossa provincia.

Mas quando uma trova é cantada por uns lábios rubros de mulher, é porque ela é tudo e vale tudo.

Na minha peça intitulada *Perdeu a fala* e representada no teatro Moderno, qual era o numero que mais comovia e eletrificava a plateia? O *fado da cauteleira*, da genial inspiração do maestro Luz Junior. Na minha peça *Braga por um canudo*, representada em todos os teatros do Brazil, quaes eram os numeros mais aplaudidos pelo publico d'além-Atlantico? Os fados das *Cocottes*, *Tricana* e *Estudante*. Na minha fantasia *No Paiz do Sol*, representada em todos os Estados do Brazil, no Eden-Teatro, no Carlos Alberto, do Porto, no teatro Avenida, de Coimbra, quaes os numeros mais aplaudidos e bisados? O *fado-balada do Estudante*, o fado do *Garoto dos jornaes*, da autoria do maestro Luz Junior e o *fado das substancias* e terceto da *Baixa*, *Mouraria* e *Alfama*, da inspiração do maestro Thomaz del-Negro. E, pondo de parte a minha desprezenciosa obra, diga-me o sr. Lopes qual é a razão do successo da peça *O Novo Mundo*, dos meus illustres camaradas e amigos Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos? E' o *fado do Ganga!* Depois d'isto poderão subsistir algumas duvidas de que é *tudo e vale tudo*, precisamente porque está na alma popular? Creio bem que não. O *fado do Ganga*, por exemplo, é a prova provada do que avança. Esse fado, orquestrado superiormente sobre o motivo do fado corrido, não é evidentemente—apezar da toada sentimental que se manifesta principalmente na sua primeira parte—um fado muito acessível para ser cantado por uns lábios frescos de mulher. E, todavia, a casa de musicas Sasseti & C., da rua do Carmo, deu pela sua edição a quantia de 150\$000 réis! Esta verba é tanto mais fabulosa, quanto é certo nunca se ter pago por tão alto preço a musica de um fado. Essa rude filosofia do carroceiro cantada á guitarra é a razão das enchenches consecutivas que o Eden-Teatro vem registando ha perto de duzentas noites! Não pôde haver desmentido mais formal ás opiniões de quem quer que seja que pretenda amesquinhar a portuguezissima trova!

O fado, não deapupera a raça nem embota as energias do povo—como os seus detractores pretendem—bastando, para aquilatar da veracidade d'esta afirmativa, folhear um pouco a Historia-Patria, na qual estão insculpidos em letras de ouro os feitos dos nossos maiores a que se convencionou chamar *feitos heroicos*. Os portuguezes já cantavam o fado, quando varreram altivamente e de armas na mão o jugo hespanhol em 1640. De resto, quem foi que derrubou o trono dos Braganças e fez a revolução de 5 de outubro de 1910? Foi o sr. Alberto Lopes, ou foram os *estrangeiros não deapupados por via do fado?*...

E' que o sentimento da popular canção, que tão bem se casa e harmonisa com a psicologia da raça lusa, cala-se no momento proprio para dar lugar ás manifestações ingénuas na alma do povo que se revolta e sabe agir energicamente quando é mister que o faça! Não, o fado, não é um factor de desordem! E', bem pelo contrario, o melhor agente da Ordem e o mais austero *policia*, porque com a policia ainda o povo recalçitra ás vezes, ao passo que ao fado obedece gostosamente! Na propria taberna, quando ele geme na guitarra e aflora aos lábios do trovador, tem o condão de fazer-se ouvir no meio do mais religioso silencio, pondo termo, quantas vezes, a discussões acaloradas e afogando até, no seu início, os principios de alteração da ordem, que porventura taes discussões poderiam ocasionar!

Factor da desordem é a Politica, a *gan-de Porca*, como lhe chamou o illustre Rafael Bordalo Pinheiro. Essa sim, essa é que é—quanto a mim—a mais nojenta de todas as rameiras que, se não foi *esventrada a pontapé por um marujo bebado*, tem sido em todos os tempos—entre monarchicos e republicanos, que uns não são melhores que os outros—a herveira descarada, a rascão olheirenta, de manto azul ou de saiote vermelho, que com todos se copia, alagando o corpo de mercenaria vagabunda, vendendo os beijos putridos ao primeiro que passa, acobertando os ruídos encasacados que á custa d'ela vivem, e enganando, atraíndo, roubando...

vae atrás d'ela, preso do encanto das suas carnes flácidas, atraído pelo perfume nauseante dos seus seios nus de mulher de má nota! E' por ela que se mata, que se assassina, que se enclausura, que se mistifica a multidão ignara! E por ela que se varre a tiro o quartel general da *Brazileira*, que se quebram as cirteiras n'essa adega pouco limpa de S. Bento, onde o fado não se canta por honra sua, e onde se reúnem, a 3\$333 réis por dia, os seus amantes de todas as côres! A essa é que o sr. Lopes deve condenar, *pyr entre copinhos rútilos*, em nome da Moralidade amarfanhada e poluída pela *Grande Porca*.

O fado, não! Esse, é simples, honesto, educativo, e a conglobação dos mais afetivos sentimentos da alma portugueza. O fado, é tudo e vale tudo!

(Continúa.) *Avellino de Sousa.*

Grande sorteio do Natal

Continuamos hoje a publicar o coupon que deverá ser trocado na nossa redação por uma senha numerada, com a qual os nossos assinantes e leitores ficarão habilitados para o grande sorteio do Natal que se realizará, como temos dito, no dia 24, na presença de um representante da autoridade.

Os nossos assinantes e leitores de Lisboa recortarão o coupon e trocá-lo-ão, quando quizerem, na nossa redação, pela respectiva senha. Quanto aos leitores e assinantes da provincia juntarão os referidos coupons enviando-os depois em carta fechada juntamente com uma estampilha de 25, a fim de lhes remetermos as respectivas senhas.

Como os nossos leitores teem visto pelos numeros anteriores, ofereceram-nos gentilmente brindes para este concurso o distinto ator Jorge Gráve e as acreditadissimas casas commerciaes: O Barateiro dos Paulistas, da calçada do Combro, n.º 91 e 93 e largo do Poço Novo, 16 e 17, estabelecimento de camisaria, fanqueiro, retrozeiro e modas, onde os freguezes recebem bonus em triplicado; a firma Julio Gomes Ferreira & C., com casa de candieiros e jogões, na rua da Vitoria, 82 a 88; a alfaiataria Manuel da Costa, na rua da Esperança, 93 a 97; a importante fabrica de lamifícios de Figueiredo & C., na rua Duarte Gouveia, 44; Bemfica; a Casa das Bengalas, na rua da Praia; a papelaria Serra & C., da rua do Ouro, 72; a Casa Tokio, merceria e pastelaria, na calçada da Estrela, 45; o sr. Adriano Mourão, desenhador de retratos al crayon, na rua da Estrela, 15, 1.º D. e o disinto artista Rocha Vieira.

Tambem o distinto «costumier» sr. Fernando do Nascimento Ramos de Oliveira, proprietario do acreditado Guarda-roupa Cruz, da rua do Mundo, nos ofereceu para este concurso um «costume» de Severa, para creança, desejando assim engrandecer os premios que a *Canção de Portugal* oferece aos seus leitores.

Fantasia

O mar, sereno, vem beijar a praia!
Sorri a lua lá no azul-safira...
Indo juntar-se ao cantico das vagas
Uma guitarra em tristes sons, suspiral

Uma barquita leve, sobre as águas,
Desliza á luz da lua côr de prata...
E os pescadores cantam suas trovás
Pondo soluços n'essa seenaia!

Maria Isabel.

Aos nossos agentes

Continuamos a instar com os nossos agentes da provincia pela remessa da importancia do seu debito para regularidade das nossas contas.

Como estamos resolvidos a cortar as remessas do nosso semanario aos que não cumprirem com esse dever, prevenimos os nossos leitores habituaes de que se o jornal faltar n'uma ou n'outra localidade é simplesmente por esse facto, pedindo-lhe a fineza de requisitarem a sua assinatura directa para esta administração.

BEBAM A FINISSIMA
Agua do Alardo
A MELHOR DE MEZA

Singular canção!

(A D. Maria Cristina de Campos Rodrigues).

Foi de madrugada, n'uma madrugada luarenta... Partidamos em comum convívio, alegremente, com destino á «Fazenda da Escambirra». Na cidade reinava o maior silencio—e o rodar tipico da carroça desconjuntada, já pelintra e cadaqua, que nos conduzia gemendo ruidosamente... proporcionava ás nossas almas um espectáculo singular, indefinível, ao quebrar aquella sepulcral quietação!

Tudo era tranquillidade, poesia!

Ao passarmos perto do *Bomfim*, chegar-nos aos ouvidos os sons maviosos e doridos de uma guitarra que acompanhava em choro uma voz vibrante e clara expressando tristezas n'uns versos sentidos de despedida, como atevendo a penosa nostalgia futura. Depois succedia-se o côro—um côro harmonioso, gemebundo, tradutor de longa magua e profunda dôr. E por entre o ramalhar subtil do arvoredo copado e denso, descobrimos umas sombras negras, que se escoavam graves, com lentidão. Eram os estudantes, os quintanistas liceaes que se despediam amarguradamente dos encantos de uma terra de poetas e sonhadores. Era a mocidade ruidosa que estuda, canta e sonha... E eles, sempre taciturnos, iam desaparecendo lentamente para os lados do Largo de Jesus, que—rodeado por um hospital carunchoso, outr'ora convento, onde n'esses tempos remotos mulheres de rostos de anjo e almas caritativas acorriam pressurosas a

ouvir os acordes gementes das cитарas dos trovadores—agora estava quasi esquecido, ornamentado no entanto, por um cruzeiro vacilante, decrepito e por uma egreja arnuada, de beleza arquitetonica (estilo manuelino).

Ao longe, já muito distante, ainda ouviamos as ultimas quadras da *Balada* de despedida:

As nossas capas, negras, sombrias,
Por tanta luz, puras, sagradas
Morrer desejam, n'este teu solo,
As pobres querem ser sepultadas.

Se um dia oh! terra, nós cá voltarmos
Buscaro á vida os encantos teus:
Lembra-te oh! terra da mocidade
Que hoje saudosa te diz adeus. (!)

E, a voz ao extinguir-se é substituída no silencio pelo ruído da nossa respiração ofegante. As nossas almas, gemeas na dôr como na alegria, sentiram um prazer vago, desconhecido—experimentaram um gozo ideal, indefinível.

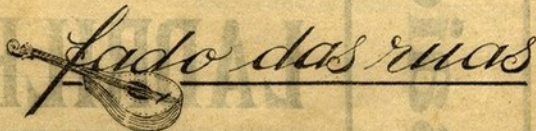
E tomados de uma impressão agradável, chegámos á extensa «Fazenda», emquanto o sol benéfico e carinhoso nos saudava, ao despontar sorridente...

Setubal, 1 de outubro de 1916.

A. S. C. (Camila).

(1) Balada inédita de M. Gamito.

Angariadores de anuncios precisam-se para este semanario, em Lisboa e na provincia. Dão-se comissões vantajosas.



Aos batalhões voluntarios

MOTE

O' batalhões voluntarios
Mostrae o vosso valor,
Larguem as armas e estudem
N'um livro de Paz e Amor!

GLOSAS

Vós fostes organizados
Dentro d'um regimen novo
Como defensor's do povo,
Patrioticos e honrados!
Vós sois, por isso, aclamados
Como bravos, temerarios,
Do paiz humanitarios,
Defensores de alta escolha!
—Para vós a Patria elchia
O' batalhões voluntarios!

Não vos olha pela terra
Onde só o egoismo faz!
Olha-vos por entre a paz
Sem os odios vis da guerra!
Em vós uma alma se encerra:
—Da Republica o Amor,
Do nosso povo o ardor
Contra a feroz monarchia!
Por isso á Democracia
Mostrae o vosso valor!

Não digaes que sois soldados
P'ra d'entre o povo ir matar!
Mas que vindes dedicar
A' Patria os braços honrados!
P'ra as armas não sois chamados,
Nem taes sentir's vos iludem,
Em tudo o que é bom escudem
Na educação essa gloria!
Se quereis honrar a historia,
Larguem as armas e estudem!

Foi feita a revolução,
Mui serena e triunfal,
Abriu-se p'ra Portugal
Nova era de instrução!
E voluntarios, então,
Em logar d'esse clangor
Das armas que queiraes pôr
Contra qualquer tirania
Deixae-a resar um dia
N'um livro de Paz e Amor!

(Improvviso)

Luiz de Ataíde.

Amor bucolico

(AO MEU AMIGO Alfredo Costa)

MOTE

Os beijos que dás no trigo,
ó donairoa ceifeira,
tambem os dás, á noitinha,
ao teu amor, na lareira.

GLOSAS

Ao ver-te sair, louçã,
do teu lar, ninho d'amores,
dirão muitos trovadores
que és a estrela da manhã!
E's a mais bela aldeã
a Beleza anda contigo...
Dos trigais sou inimigo
e se eu os invejo assim,
é que qu'ria só p'ra mim
os beijos que dás no trigo!

Quando para a ceifa vais,
ó minha brilhante estrela,
és a papoila mais bela
que se vê lá nos trigaes!
Da minha idea não saes
ó formosa feiteira...
Por isso d'esta maneira
todo o meu amor te exponho!
Se durmo, contigo sonho
ó donairoa ceifeira!

São horas maravilhosas
á tardinha, ao pôr do sol,
porque despona o arrebol
nas tuas faces mimosas!
Se alguma das outras rosas
de ao pé de ti se avizinha,
ao vêr-te tão côrdinha
de apoucar-te tem desejos
mas, sem saber que teus beijos
tambem os dás, á noitinha!

Ao regressar's do labor
quando a aldeia está dormente,
aguardas impaciente
a vinda do teu amor.
Ouves um leve rumor,
corres logo, prasenteira,
vae atear a fogueira,
mais paciente, mais calma...
Depois, entregas a alma
ao teu amor, na lareira!

Adelino Nunes da Costa.

Rangel & Simões

103, Rua do Carmo, 105

LISBOA



Instrumentos musicos e accessorios.

Officinas de reparações
Catalogos gratis**Tátá & Rodrigues, L.^{da}**

Retozelros

53, Rua Garrett, 55 - LISBOA
Completo sortido d'artigos
de retozaria e novidades
TELEPHONE N.º 1175**Antonio Bastos**

Comissões e Consignações

Exportador de Produtos nacionaes e estrangeiros

Rua dos Remolares, 6, 1.º

LISBOA

TELEPHONE N.º 1487 22, Caixa no Correo, 22
Endereço telegraphico ANTASTOS**TURCO**

- DO -

CALHARIZ

- DE -

Alfaiataria

- DE -

Miguel José Pereira

Atualmente:

Exposição das
novidades sensa-
cionaes para in-
verno.

5, L. do Calhariz 6

LISBOA

EmpreiteiroEncarregase por preços modicos de
pinturas, caixões, estuques e quaes-
quer outros trabalhos de construcção
civil em Lisboa e fora.

C. de S. João da Praça, 108, cave

J. VIEIRA

Todas as musicas de piano

Todos os sucessos de dança

Todas as novidades de canto

se vendem na

Casa Valentim de Carvalho

37, Rua da Assunção, 39

LISBOA

ESTANCIA DE MADEIRAS

CARPINTARIA E MARCENARIA

Botto Machado, Irmãos
GOUVEIAMadeiras nacionaes e estrangeiras
CONSTRUCOES E RECONSTRUCOESCal hydraulica, cimentos
e gazolina:Moveis em todos os estylos; ferragens,
tapetes, oitavos,
espelhos, vidros, etc., etc.
Servico de mercadorias da estacao de
Gouveia para a vila.Brevemente, maquinas de serracão,
aplinar, furar e moldar.**R. Potau & C.^a****FABRICA**

— DE —

LADRILHOS MOSAICOSEspecialidade em lavadouros e depositos
de cimento armado, tinas e lava-louças
de granitoide**PREÇOS SEM CONCORRENCIA***Agentes exclusivos da:***URALITA****Para telhados****MOSAICOS DE LUXO SEGUI**

Machina Iberia para fazer blocos de cimento

R. Saraiva Carvalho, 143 Lisboa

Endereço telegraphico: EMPORDA

Ladrilhos mosaicos**URALITA PARA TELHADOS**